



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

WYNONNA EARP, BURY YOUR GAYS E UM COLETE A PROVA DE BALAS - MODOS DE SUBJETIVAÇÃO DE UM FANDOM

Eixo Temático 10 - CORPOS, MULTIPLICIDADES E SINGULARIDADES NOS ESTUDOS DO CAMPO DISCURSIVO

Autora: Ingrid Xavier Gomes dos Santos ¹
Co-Autora: Profa. Dra. Claudiene Santos ²
Co-Autor: Prof. Dr. Marcos Ribeiro de Melo ³

RESUMO

Esse trabalho é parte de uma pesquisa de mesmo tema cujo objetivo foi investigar como o fandom atua na construção da subjetividade de seus participantes e contribui para o (re)conhecimento de si como indivíduos queer. A partir de questionários online, contactamos 100 pessoas, da comunidade de fãs que se organizou em torno da série de TV Wynonna Earp (2016-2021), conhecidos como Earpers. Esse fandom foi escolhido devido ao seu grande impacto em comparação ao tamanho do objeto midiático em torno do qual se organiza. Entendemos aqui que as interações dentro do fandom, funcionam como modo de subjetivação, que para Foucault, trata-se de uma maneira particular pela qual os indivíduos se tornam sujeitos, ou seja, como constroem suas subjetividades, desenvolvem uma compreensão de si mesmos e se posicionam dentro de uma estrutura social. No contexto do fandom e da teoria queer, os fãs têm a oportunidade de se apropriar e transformar as narrativas televisivas, criando espaços de expressão, interação

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Cinema da Universidade Federal de Sergipe- UFS, ingridxgsantos@gmail.com;

² Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, claudiene@academico.ufs.br;

³ Professor orientador: Doutor, Universidade Federal de Sergipe - UFS, marcos_demelo@academico.ufs.br.



e empoderamento para as subjetividades dissidentes. A participação no fandom oferece aos fãs queer um senso de pertencimento e valor, permitindo-lhes construir uma ideia de si e de um coletivo e assim resistir às normas dominantes de gênero e sexualidade. No contexto dos estudos de subjetividade, a noção de Modos de Subjetivação de Foucault sugere que a subjetividade individual não é uma entidade estável, mas sim um processo em constante transformação e negociação. Os indivíduos não são apenas produtos passivos das estruturas sociais, mas também agentes ativos que participam na construção de suas próprias subjetividades. Os fãs LGBTQIAPN+ usariam o fandom como um espaço de resistência e afirmação de suas subjetividades, reconfigurando as narrativas televisivas de maneira a refletir suas próprias experiências e perspectivas. Através de práticas como fan fiction, fan art e discussões online, os fãs LGBTQIAPN+ podem construir uma subcultura dentro do fandom, fortalecendo laços de solidariedade e fornecendo um espaço seguro para a expressão de suas subjetividades.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; cinema e narrativas do contemporâneo; fandom; modos de subjetivação; Earpers.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Para pensar o *fandom* na construção da subjetividade dos seus jovens participantes e como essa vivência contribui para o reconhecimento de si enquanto indivíduo LGBTQIAPN+, observamos a comunidade de fãs que se organizou em torno da série de TV *Wynonna Earp* (2016-2021), também conhecidos como Earpers. Esse grupo chama a atenção pelo seu tamanho e impacto perante um produto audiovisual economicamente pouco robusto. As interações dentro do fandom funcionam como um modo de subjetivação, que de acordo com Foucault trata-se de uma maneira particular pela qual os indivíduos se tornam sujeitos, ou seja, como eles constroem sua subjetividade, desenvolvem uma compreensão de si mesmos e se posicionam dentro de uma estrutura social.



Ser jovem e se entender Lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, queer, intersexual, assexual, não binário, alguma outra forma de diversidade sexual e de gênero ou simplesmente LGBTQIAPN+, costuma ser uma experiência solitária. Quando falo de solidão e juventude LGBTQIAPN+ não me refiro especificamente ao bullying ou o medo de rejeição, mas algo antes disso. Passamos por uma escassez de referenciais socioculturais. Não nos vemos representados em muitos lugares e não entendemos o que estamos sentindo. Quase nunca as informações oficiais dão conta de nos explicar quem achamos que somos. Assim, nos voltamos para todas as frestas em busca de identificação. Encontrar um grupo que te acolha em sua diferença, quando se é LGBTQIAPN+ é um trabalho árduo de procurar sem afirmar que está procurando e não tanto encontrar, mas sim, reconhecer nas entrelinhas que você chegou num porto seguro.

Foi observando as interações de um fandom recente que decidi estudar os Earpers. Fãs de uma série pequena, produzida no Canadá e que misturava fantasia e western inundavam o meu twitter com declarações de como a série era importante para eles, mas sobretudo declarações sobre como outros Earpers haviam lhes ajudado em momentos de descoberta, como o apoio da comunidade tinha sido importante em saídas do armário e compreensão sobre identidade de gênero. Ao olhar para o meu passado, as trocas furtivas com outros fãs das entrelinhas queer da minha série favorita tinham sido tão fundamentais para que eu me entendesse como pessoa *queer*, eu queria saber como foi para essa nova geração essa vivência e validação.

Henry Jenkins argumenta que os fãs de televisão não são meros consumidores passivos, mas sim participantes ativos na criação e disseminação de conteúdo relacionado às suas séries favoritas (Jenkins, 1992). Essa perspectiva desafia a noção tradicional de audiência como um receptor passivo de mensagens e enfatiza o papel dos fãs como co-criadores e co-autores das narrativas televisivas.

Essas comunidades oferecem aos fãs um espaço de troca, interação e colaboração, permitindo que compartilhem sua paixão com outros que



compartilham de interesses semelhantes (Jenkins, 1992). Com o advento da internet e das mídias sociais, essas comunidades se expandiram e se tornaram mais acessíveis, possibilitando uma maior participação e colaboração entre os fãs, independentemente de sua localização geográfica. Nesse contexto, é relevante explorar como a participação no fandom pode influenciar e contribuir para a construção de subjetividades.

No contexto dos estudos de subjetividade, a noção de Modos de Subjetivação de Foucault sugere que a subjetividade individual não é uma entidade estável, mas sim um processo em constante transformação e negociação. Segundo Foucault:

"Os homens jamais deixaram de construir a si mesmos, quer dizer, de deslocar, continuamente, sua subjetividade, de se constituírem em uma série infinita e múltipla de subjetividades diferentes, que jamais terão fim e que jamais nos colocarão em face de alguma coisa que seria o homem. Os homens engajam-se perpetuamente em um processo que, construindo objetos, os desloca, ao mesmo tempo que os deforma, os transforma e os transfigura como sujeitos" (Foucault, 2013, pp. 325-326).

Os indivíduos não são apenas produtos passivos das estruturas sociais, mas também agentes ativos que participam na construção de suas próprias subjetividades, assim como nas identidades coletivas das comunidades às quais pertencem.

Ao considerar uma subjetividade *queer* dentro do contexto do fandom, é fundamental analisar como os fãs *LGBTQIAPN+* se apropriam, reinterpretam e transformam as narrativas televisivas para criar significados alternativos e expandir as possibilidades de representação. Os fãs *LGBTQIAPN+* usariam o fandom como um espaço de resistência e afirmação de suas subjetividades, reconfigurando as narrativas televisivas de maneira a refletir suas próprias experiências e perspectivas. Através de práticas como *fan fiction*, *fan art* e discussões *online*, os fãs *LGBTQIAPN+* podem construir uma subcultura dentro do fandom, fortalecendo laços de solidariedade e fornecendo um espaço seguro para a expressão de suas subjetividades.

Os Earpers se destacam como uma comunidade engajada, que



alcançou resultados práticos notáveis, como o resgate e renovação da série "Wynonna Earp", e conquistou uma imagem positiva entre os estudiosos do tema. Ao examinar o envolvimento dos Earpers no fandom, pretendemos obter insights significativos sobre as dinâmicas de participação, os processos de identificação e os impactos na formação de uma subjetividade queer.

2. "**BURY YOUR GAYS**"

O tropo "*Bury your gays*" é uma convenção narrativa da mídia que lida com a tendência de matar personagens LGBTQIAPN+ de forma desproporcional e muitas vezes trágica. O termo foi popularizado pela comunidade LGBTQIAPN+ como uma crítica à representação nociva e estereotipada desses personagens na televisão, no cinema e em outras formas de entretenimento.

Historicamente, os personagens LGBTQIAPN+ têm sido sub-representados na mídia ou retratados de forma negativa e socialmente marginalizada. Finalmente, quando são retratados de forma significativa, muitas vezes são vítimas de morte violenta ou trágica, especialmente quando comparados a personagens heterossexuais.

A comunidade LGBTQIAPN+ foi afetada emocionalmente por este tropo, pois vê seus personagens favoritos repetidamente mortos em histórias em que seu gênero ou sexualidade é central para a trama. Isso não apenas reforça a ideia de que pessoas LGBTQIAPN+ estão associadas à tragédia, mas também pode levar a sentimentos de alienação e desespero para os espectadores que pertencem a essa comunidade.

A pesquisadora Haley Hulan (2017), em seu artigo "Bury Your Gays: History, Usage, and Context", ao fazer um levantamento do tropo desde a literatura, afirma que:

O tropo literário *Bury Your Gays* tem sido usado continuamente em várias formas de mídia em vários gêneros por aproximadamente 125 anos. Ele se originou como uma ferramenta para autores queer escrevessem narrativas *queer* sem enfrentar as consequências negativas associadas com o "endosso" da homossexualidade. Depois, à medida que o clima



social no Ocidente mudou para se tornar mais receptivo às pessoas e identidades LGBTQ+ o *Bury Your Gays* como refúgio para autores e públicos *queer* caiu em obsolescência. (...) (2017, p. 24)⁴

Hulan ainda afirma que:

[...] ao contrário (dos criadores queer), os criadores heterossexuais invocam o tropo para punir simbolicamente o queerness em suas narrativas - *The Children's Hour*, *The Fox* - ou como valor de choque para seu público [heterossexual] - *Siberia*, *Executive Suite*. Autores heterossexuais que usam o tropo como espetáculo geralmente usam o tropo de forma irresponsável. Eles fazem isso alegando ignorância não só da existência do tropo em si, mas também de seus efeitos negativos, como visto em "Os 100". (2017. p. 24)⁵

Um artigo publicado em fevereiro de 2023, na revista digital *Autostraddle*, lista 235 personagens lésbicas os bissexuais mortas na televisão mundial, desde 1976 (Riese, 2023). Em outro artigo, publicado no jornal *The Guardian* em 2013, o jornalista James Rawson aponta que entre 1993 e aquele ano, das 280 representações indicadas ao Oscar, só 4 delas foram por personagens LGBTQIAPN+ que tiveram um final feliz. Em outras palavras, só 1,4%, em 19 anos do maior prêmio da indústria audiovisual do mundo é de LGBTQIAPN+ felizes e vivos.

Os debates em torno do tropo são reaquecidos em 2016, com a morte da personagem Lexa no seriado "Os 100". A morte da personagem, somada ao alto número de personagens LGBTQIAPN+ mortos naquele ano causou um grande número de postagens e movimentações *on-line* que vieram a ser observados por veículos de mídia tradicional e movimentaram dinheiro e ações

⁴ Tradução da autora. No original: the literary trope *Bury Your Gays* has been in continuous use in various forms of media across various genres for approximately 125 years. It originated as a tool for queer authors to write queer narratives without facing negative consequences associated with the "endorsement" of homosexuality. Then, as social climates in the west changed to become more accepting of LGBTQ+ people and identities, *Bury Your Gays* as a refuge for queer authors and audiences fell into obsolescence.

⁵ Tradução da autora. No original: Conversely, straight creators invoke the trope either to symbolically punish queerness in their narratives—*The Children's Hour*, *The Fox*—or as shock value for their [straight] audiences—*Siberia*, *Executive Suite*. Straight authors using the trope as spectacle often use the trope irresponsibly. They do so claiming ignorance to not only the existence of the trope itself but also to its negative effects, as seen with *The 100*.



em favor de causas LGBTQIAPN+ e a representatividade desse grupo na televisão.

A primeira ação dos fãs foi a criação de hashtags para afirmar seu ponto de vista. Com a direção de dois sites administrados por fãs (mas altamente organizados), LGBT Fans Deserve Better e We Deserved Better, foi criado um movimento organizado para criar tendências de hashtags específicas. Para causar o maior impacto, foi criado um cronograma em que os usuários de todo o mundo começariam a usar uma hashtag ao mesmo tempo. As hashtags populares incluíam #LGBTFansDeserveBetter, #LexaDeservedBetter, #AlycialsOurCommander, #CWStopJasonRothenberg⁶, entre muitas outras. Esse esforço conjunto foi eficaz, e algumas dessas hashtags foram tuitadas mais de 200.000 vezes. (Deshler, 2017, p. 53-54)⁷

Essas ações foram coordenadas com um boicote a série que fez com que a audiência do episódio seguinte à morte de Lexa tivesse 12 milhões de espectadores a menos em comparação com a média anterior à sua morte e a quarta temporada estreou com uma audiência 32% menor que na temporada anterior (Patten, 2017). Enquanto isso, os fãs iniciaram uma campanha para arrecadar fundos para o *Trevor Project*, uma organização de prevenção ao suicídio de jovens LGBTQIAPN+. A campanha ainda está no ar e até o momento já arrecadou cerca de 178.000 dólares, segundo o site do projeto.

Outra consequência advinda da morte de Lexa em "Os 100" foi o Lexa Pledge, um documento escrito por roteiristas e ativistas LGBTQIAPN+ e assinado por produtores e roteiristas que previa um compromisso com os personagens LGBTQIAPN+:

⁶ #FãsLGBTsMerecemMais, #LexaMereciaMais, #AlyciaÉNossaComandante, #CWParJasonRothenber respectivamente em tradução livre.

⁷ Tradução da autora. No original: The first action fans took was the creation of hashtags to assert their point of view. With the direction of two fan-run (but highly organized) websites, LGBT Fans Deserve Better and We Deserved Better, an organized movement to trend specific hashtags was put into place. In order to have the biggest impact, a schedule was created wherein users around the world would begin trending a hashtag at the exact same time. Popular hashtags included #LGBTFansDeserveBetter, #LexaDeservedBetter, #AlycialsOurCommander, #CWStopJasonRothenberg, among many others. This concerted effort was effective, and some of these hashtags were tweeted upwards of 200,000 times.



1. Garantiremos que todos os personagens LGBTQ significativos ou recorrentes que introduzirmos em uma série nova ou pré-existente tenham histórias significativas com arcos significativos.
 2. Ao criar arcos para esses personagens significativos ou recorrentes, consultaremos fontes dentro da comunidade LGBTQ, como escritores ou produtores queer na equipe, ou membros de grupos de defesa queer como GLAAD, The Trevor Project, It Gets Better, Egale, The 519, etc.
 3. Reconhecemos que a comunidade LGBTQ é sub-representada na televisão e, portanto, que a morte de personagens gays tem ramificações psicossociais profundas.
 4. Recusamo-nos a matar um personagem queer apenas para promover a trama de um personagem heterossexual.
 5. Reconhecemos que o tropo Bury Your Gays é prejudicial à comunidade LGBTQ em geral, especialmente aos jovens gays. Dessa forma, evitaremos fazer escolhas de histórias que perpetuem esse tropo tóxico.
 6. Prometemos nunca atrair ou enganar os fãs por meio da mídia social ou de qualquer outro meio.
 7. Sabemos que há um longo caminho à nossa frente para garantir que a comunidade queer seja representada de forma adequada e justa na TV. Comprometemo-nos a iniciar essa jornada hoje.
- (Deshler, 2017, p. 58-59)⁸

Ao ouvir o público que consome esses produtos culturais, fica explícito como o descarte de personagens LGBTQIAPN+ sem critério quebra um pacto tácito de confiança entre criadores e consumidores e como o engajamento desse público está relacionado a esse retrato complexo de vivências não normativas.

Em nossa pesquisa, fizemos um questionário anônimo *on-line* para entender como os fãs se relacionam não só com o *fandom*, mas também com a

⁸ Tradução da autora. No original: 1. We will ensure that any significant or recurring LGBTQ characters we introduce, to a new or pre-existing series, will have significant storylines with meaningful arcs. 2. When creating arcs for these significant or recurring characters we will consult with sources within the LGBTQ community, like queer writers or producers on staff, or members of queer advocacy groups like GLAAD, The Trevor Project, It Gets Better, Egale, The 519, etc. 3. We recognize that the LGBTQ community is underrepresented on television and, as such, that the deaths of queer characters have deep psychosocial ramifications. 4. We refuse to kill a queer character solely to further the plot of a straight one. 5. We acknowledge that the Bury Your Gays trope is harmful to the greater LGBTQ community, especially to queer youth. As such, we will avoid making story choices that perpetuate that toxic trope. 6. We promise never to bait or mislead fans via social media or any other outlet. 7. We know there is a long road ahead of us to ensure that the queer community is properly and fairly represented on TV. We pledge to begin that journey today.



obra de que são fãs. Aqui podemos ver uma das respostas que toca nessa relação de confiança:

“Isso me fez perceber que eu estava disposta a me envolver em um *fandom*. Eu tinha desistido da apresentação LGBTQIA+ na mídia convencional depois que muitas personagens lésbicas foram mortas em programas em 2016/2017. Quando Wynonna Earp fez com que sua personagem lésbica usasse um colete à prova de balas, comecei a criar conteúdo. Passei a ouvir podcasts. Tornei-me ativa no Twitter para pedir à Syfy que renovasse a série”.⁹

É importante aqui colocar que não se trata de não fazer os personagens *queer* sofrer. Quando os fãs criticam o tropo é por ele representar uma desproporção no sofrimento LGBTQIAPN+, perpetuando uma ideia de um destino condenado à dor meramente em razão da orientação sexual ou gênero. A questão da representatividade na atualidade é baseada na importância que as representações midiáticas têm para a construção da subjetividade dos indivíduos.

As formas de subjetivação das diferenças individuais têm muito a ver com os modelos dominantes de subjetividade social assim como a constituição social dos protagonistas. Essa subjetividade individual, que passa por diferentes contextos sociais de subjetivação, se constitui dentro deles e, simultaneamente, atua como um elemento diferenciado do desenvolvimento dessa subjetividade social, que pode converter-se em um elemento de tensão e ruptura, que conduz ao desenvolvimento da própria subjetividade social (González-Rey, 2003. p. 205)

A questão em torno das mortes desmedidas de personagens LGBTQIAPN+ na cultura *pop* diz respeito, portanto, não só a uma questão de subjetividade individual, mas, (e sobretudo) de uma subjetividade social que se impõe na lógica ocidental em torno de pessoas que não atendem as normas cis-heterossexuais. Afinal, segundo González-Rey (2003, p. 209) “Cada configuração subjetiva de um espaço social está constituída por elementos de

⁹ Resposta ao questionário anônimo utilizado na pesquisa. Tradução da autora. No original: "It made me realise that I was willing to get involved in a fandom. I had given up on LGBTQIA+ presentation in mainstream media after a lot of lesbian characters were killed in shows in 2016/2017. When Wynonna Earp had their lesbian character wear a bullet proof vest, I started creating content. I listened to podcasts. I became active on twitter in order to ask Syfy to get the show renewed".



sentidos procedentes de outros espaços sociais, assim como de elementos que caracterizam esse próprio espaço em momentos históricos anteriores”.

A dolorosa reiteração do tropo *Bury Your Gays* e a subsequente internalização de seu significado pelos fãs produziu uma subjetividade feminina queer específica entre os consumidores queer de televisão, dando a esses fãs uma perspectiva e uma reação únicas a esses textos. Para muitos fãs, essa subjetividade é caracterizada por um senso de vulnerabilidade e vigilância e, para algumas garotas gays, essa resposta afetiva é transferida para suas vidas “*off-line*”. (Deshler, 2017, p. 45)¹⁰

Numa sociedade tão pautada por imagens como a nossa, onde o conteúdo audiovisual preenche quase todo espaço vazio do nosso dia, não é de se estranhar que a relação das pessoas com esse conteúdo tenha um papel tão marcante na subjetividade desses indivíduos. Mas talvez hoje mais do que nunca, exista uma ideia de horizontalidade entre esse conteúdo e seu público. Não há ilusão de que essa relação público-criador possa subverter a lógica do capital, mas é importante observar o que surge das brechas que essa relação abre. Se por um lado somos mais uma tendência do mercado, por outro, nos construímos ao nos ver representados. Se por um lado somos postos desfocados no plano de fundo, por outro, nos tornamos fator essencial para a relevância cultural de um produto.

3. A SÉRIE E OS EARPERS

A série “Wynonna Earp” é uma série de 4 temporadas exibida entre 2016 e 2021, pelo canal a cabo, norte americano, Syfy. Classificado como um faroeste sobrenatural, o seriado é direcionado ao público jovem adulto e desde o início foi vendido como uma série feminista de uma heroína incomum, pois conta a história de Wynonna, descendente do lendário xerife do velho oeste

¹⁰ Tradução da autora. No original: The painful reiteration of the Bury Your Gays trope and fans’ subsequent internalization of its meaning has produced a particular queer girl subjectivity among queer consumers of television, giving these fans a unique perspective and reaction to these texts. For many fans this subjectivity is characterized by a sense of vulnerability and vigilance, and for some queer girls this affective response carries over into their “offline” lives.



norte-americano, Wyatt Earp, que herda sua arma e com ela o dom secreto da família de matar demônios.

Produzida por um canal relativamente pequeno e com um orçamento proporcional ao canal, a série esteve em risco de cancelamento entre todas as suas temporadas. Sendo a campanha pela renovação da série para uma quarta temporada a mais marcante com os fãs financiando *outdoors* na Times Square e região e a campanha por uma quinta temporada que influenciou a conclusão da série com um longa-metragem que estreou em 2024, três anos depois do fim da série.

Em “Wynonna Earp” o grande casal LGBTQIAPN+ é formado pela irmã da protagonista e a policial da pequena cidade onde se passa a série. Waverly Earp e Nicolle Haught, *WayHaught* para os fãs, têm uma relação que se desenvolve desde os primeiros episódios da série e que serve de veículo para temas como bissexualidade, heterossexualidade compulsória e homofobia. Elas também viraram uma das *hashtags* que levavam a série semanalmente ao topo das menções em redes sociais como Twitter e Tumblr. Os números *on-line* apontavam que a base de fãs da série eram não só pessoas jovens, mas também pessoas LGBTQIAPN+. Isso parecia empolgar na mesma medida em que preocupava um público já cansado de ter seus afetos capitalizados e depois descartados.

A experiência do espectador *queer* de hoje é marcada, consciente ou inconscientemente, por toda a história dessa espetatorialidade *queer mainstream* sobre a qual discorremos anteriormente. As expectativas, as discussões na *internet*, os discursos promocionais, o imaginário em torno desses produtos refletem essa história conturbada. Com *Wynonna Earp* não é diferente, a série sabe o caminho que a precede. A diferença aqui talvez seja o modo explícito como a série se afirma consciente dessa história ou disposta a ouvir esses fãs LGBTQIAPN+.

A série estreou pouco tempo depois da morte de Lexa em “Os 100” e era direcionada a um público semelhante. Ambas séries de fantasia, voltadas para um público jovem, ambas inicialmente com pouco orçamento para o



gênero e menos ainda para publicidade. Entretanto, talvez hoje seja possível chamar “Wynonna ...” de um produto midiático *queer* e o mesmo não pode ser dito de “Os 100”.

Beshoff e Griffin (2006), por exemplo, elegem algumas formas não excludentes (e tampouco fixas) de qualificar o que é um filme *queer*. Segundo os autores, para entender o filme como *queer* é preciso levar em consideração o gênero narrativo, o aparato cinematográfico, a autoria da obra, a presença de personagens *queer* e a sua espectralidade. (Silva; Marconi; Tomazetti, 2017, p.186)

É essa espectralidade *queer* que foi cultivada, por lucro ou ideologia, que marca a diferença nesse produto midiático. Uma série fantasiosa, com elementos de sobrenatural, advinda de um quadrinho, com uma protagonista feminina e jovem que herda um super-poder e luta com monstros é uma premissa já bem explorada. “Buffy - a caça vampiros” fez isso ainda nos anos 90 e a ela se seguiram muitas outras. A grande diferença de “Wynonna” talvez esteja justamente nos seus fãs e como a equipe criativa soube construir uma relação saudável e respeitosa e, assim, cultivar uma base de fãs tão marcante.

No seu artigo “Interactions, Emotions, and Earpers: Wynonna Earp, the Best Fandom Ever”¹¹ a pesquisadora Jacinta Yanders traz uma definição do que é *Earpers* feita por uma fã da série, Brandi McCloud (@BrandiMcCloud), no *Twitter* (Figura 1). Essa definição menciona qualidades associadas aos fãs de “Wynonna Earp” que ajudaram a estabelecer os *Earpers* como uma comunidade particular.

Conforme descrito aqui, muitos *Earpers* ativos nas mídias sociais demonstram um interesse constante em qualquer coisa tangencialmente relacionada ao programa. Além disso, a noção de que o *fandom* é baseado na amizade é frequentemente repetida nas postagens. Embora esteja claro que os *Earpers* são fãs do programa, a definição também está nitidamente sintonizada com comportamentos e emoções específicos não relacionados à visualização. Essa definição é notavelmente representativa de um compromisso afetivo, que Robert V. Kozinets descreve como um “elemento altamente

¹¹ “Interações, Emoções e Earpers: Wynonna Earp, o melhor *fandom* de todos os tempos” em tradução livre da autora.



comprometido e evangélico do *fandom*, da experiência do fã, que atraiu profissionais de marketing, consultores de negócios e gerentes de negócios para abraçar de todo o coração a identidade do consumidor como fã" (2014, 164). Embora a definição de Earper tenha sido elaborada por um fã, e não pela rede Syfy e/ou pelos criadores do programa, sua existência sugere que a conexão emocional desejada está em vigor. (Yanders, 2018, n.p.)¹²

Figura 1 - Postagem com definição dos Earpers¹³



Fonte: Twitter (2024)

¹² Tradução da Autora. No original: As described here, many Earpers active on social media display a consistent interest in anything tangentially related to the show. Furthermore, the notion that the fandom is grounded in friendship is often echoed in posts. While it's clear that Earpers are fans of the show, the definition is also distinctly attuned to particular non-viewing-related behaviors and emotions. This definition is notably representative of an affective commitment, which Robert V. Kozinets describes as a "highly committed and evangelical element of fandom, of the fan experience, that has drawn marketers, business consultants, and business managers to embrace wholeheartedly the identity of consumer-as-fan" (2014, 164). Though the Earper definition was crafted by a fan, rather than the Syfy network and/or creators of the show, its existence suggests that the desired emotional connection is in effect.

¹³ Em tradução: "Um membro do fandom de Wynonna Earp. Uma pessoa que não demonstra nenhuma frieza em todos os momentos em relação a qualquer coisa relacionada a Wynonna Earp. Uma pessoa que é muito fã da equipe, do elenco e de qualquer pessoa associada à Wynonna Earp de alguma forma. Uma pessoa que abraça e apoia outros Earpers. Pode ser ridiculamente talentoso, engraçado e/ou se parecer com um unicórnio." (tradução nossa).



Os *Earpers* são engajados desde o início da exibição. Talvez pelo recorte etário ou talvez pela recente crise de *Clexa*, o público muito rápido se posicionou em relação à série, inclusive cobrando a criadora sobre declarações positivas sobre a morte de *Lexa*. A equipe criativa parece ter entendido rápido o clamor por representatividade de qualidade e ainda na primeira temporada reconheceram a existência do tropo negativo e se comprometeram com o respeito a essa representatividade. Isso foi muito bem traduzido com uma cena no *finale* da primeira temporada onde a personagem lésbica Nicole Haught é baleada pela vilã. Marcada por tantos outros tiros que eliminaram personagens *queer*, eu só pude me resignar num sentimento não raro de enganação. A cena foi construída como muitas na história recente da TV, um momento de revelação, meigo e que serviria bem para justificar as atitudes da protagonista contra o vilão ou para justificar a revolta de um par romântico.

Mas essa narrativa é subvertida. Depois de alguns instantes a personagem baleada revela que evidentemente está usando um colete à prova de balas. O comentário a seguir, retirado do questionário que fizemos, deixa claro que eu não fui a única surpreendida ali. O desfecho quebrava um ciclo de mortes de personagens LGBTQIAPN+. Ele funcionou como um acordo entre criadores e público de que aquele espaço era seguro para seus fãs LGBTQIAPN+.

"A representação de Wayhaught - especialmente porque Nicole não foi morta no final da primeira temporada depois que *Lexa* tinha acabado de ser morta em *Os 100*. Era um seriado que parecia estar realmente do nosso lado."¹⁴

Abaixo temos também alguns comentários retirados da rede social direcionada a séries, TV Time:

¹⁴ Resposta ao questionário anônimo utilizado na pesquisa. Tradução da autora. No original: The representation of Wayhaught - especially since Nicole wasn't killed at the end of the first season after *Lexa* had just been killed in *The 100*. It was a show that seemed to be really on our side.



Figura 2 - Postagem do usuário Ceci1730 no Tv Time



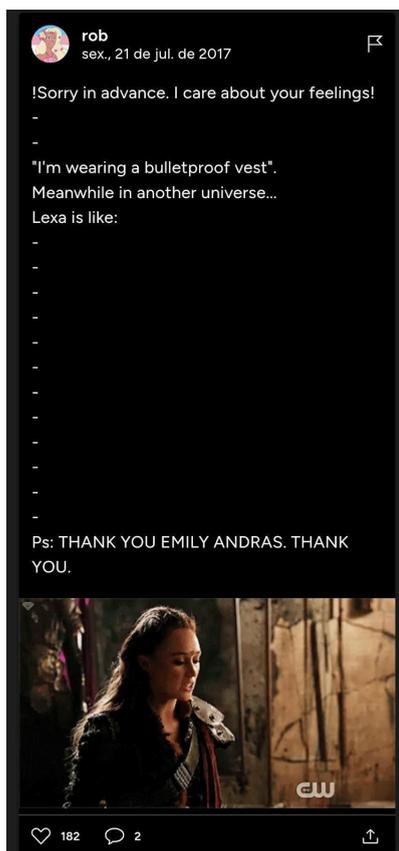
Fonte: Tv Time

Na Figura 2, o texto da imagem diz: “Nada me fez mais feliz que esse momento. Nicole superando o tropo, usando a merda de um colete à prova de balas, Waverly saindo do armário para a irmã e estabelecendo Nicole como sua namorada, e Wynonna sendo a irmã mais solidária do mundo”¹⁵. Já na Figura 3, o texto diz: “Me desculpem de antemão. Eu me importo com os sentimentos de vocês! ‘Eu estou usando um colete à prova de balas.’ Enquanto isso noutra universo Lexa está tipo ‘.....’ OBRIGADA EMILY ANDRAS. OBRIGADA.”

¹⁵ Tradução da autora para o texto da imagem.



Figura 3 - Postagem do usuário Rob no Tv Time



Fonte: Tv Time

Na Figura 4, vemos uma postagem com *stills* da cena em que a personagem é baleada e o meme diz “de novo não...”. Depois de podemos ver um *still* onde o público e as personagens na cena percebem que Nicole estava com o colete, o meme pergunta “foi difícil escrever isso?”



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Figura 4 - Postagem do usuário Rebs222 no Tv Time



Fonte: Tv Time



Esse talvez tenha sido um dos momentos mais marcantes da série, além de uma construção pensada para validar as experiências de espectadores LGBTQIAPN+ em sua relação com produtos midiáticos. O *fandom* respondeu com uma devoção quase religiosa, que podia ser acompanhada semanalmente nas redes sociais. Todos os episódios eram acompanhados em tempo real por milhares de pessoas pelo Twitter, e faziam as métricas da série se destacarem na antiga rede social através da hashtag "#WynonnaWatchParty".

Porém, as ações coletivas do *fandom* que mais impactam ao pensarmos organização social foram as renovações da série, que movimentaram não só as redes sociais, mas campanhas em espaços públicos de destaque como a Avenida Times Square em Nova Iorque (EUA), e a hashtag "#EarperSupport"¹⁶ que ainda hoje conecta fãs da série que precisam de ajuda e aqueles dispostos a ajudar. Abaixo podemos ver alguns exemplos dessas ações.

¹⁶ #ApoioEarper em tradução livre.



Figura 5 - Postagem no X (antigo Twitter) pedindo ajuda com a tag #EarperSuport



Fonte: X (antigo Twitter)



Figura 6 - Campanha dos fãs pela renovação da série na avenida Times Square (EUA)



Fonte: Google Imagens

“Wynonna Earp” foi uma série que estreou num momento de tensão entre criadores e fãs *queer*. A série precisou ouvir seu público com atenção e construir uma relação de confiança com ele. A subversão do tropo *Bury Your Gays* e a comunicação digital da equipe criativa fomenta um *fandom* que enxerga nos outros membros uma família estendida e uma rede de apoio, criando assim uma interação particular ao grupo e que tem um impacto na construção da subjetividade desses indivíduos.

4. EARPERS COMO MODO DE SUBJETIVAÇÃO

A ideia de uma subjetividade rizomática, múltipla e processual que se constitui na troca é inegável se pensarmos afirmações como:

"Eu já era queer, mas ganhei uma compreensão da não binaridade/fluidez de gênero e sinto que me poderia identificar como tal se quisesse. Antes do



*Earping*¹⁷, não conhecia/compreendia os termos e não sabia como se podiam aplicar a mim."¹⁸

"Os *Earpers* me ensinaram a celebrar minha identidade queer e me mostraram a importância e o poder da autenticidade e da aceitação. Acho que não me sentiria tão confortável ou confiante em minhas identidades se não fosse pela gentileza e apoio deles, e certamente não teria sido capaz de dar o passo para começar a tomar testosterona se não fosse por eles; eles me deram força e a *found family*¹⁹ de que eu tanto precisava."²⁰

Nessas respostas fica evidente que a compreensão de si foi afetada pelas vivências dessas pessoas dentro do *fandom*. A própria noção de gênero foi desafiada e questionada na vivência desses participantes. Aqui entendemos gênero segundo a definição de Judith Butler:

O gênero não é passivamente inscrito no corpo nem determinado pela natureza, a língua, o domínio simbólico ou a asoerbante história do patriarcado. O gênero é aquilo que se supõe, invariavelmente, sob coerção, diária e incessantemente, com angústia e prazer. (Butler, 2018. p. 16).

Quando o participante afirma que foi no convívio com o grupo que se entendeu como indivíduo não binário ou quando o outro coloca que foi a *found family* (família escolhida) que lhe deu forças para começar um processo de transição que ele já queria, percebemos o impacto desses encontros dentro do *fandom*. Mesmo em face de uma sociedade cis-heteronormativa, esse indivíduos foram capazes de ressignificar sua existência e se sentiram acolhidos ao fazê-lo. Esse senso de grupo e de unidade passa por uma noção de Identificação.

¹⁷ Tipo de neologismo comum em língua inglesa, ao transformar o substantivo *Earper* em verbo pode-se falar de atuar nesse grupo ou antes de fazer parte dele.

¹⁸ Resposta ao questionário da pesquisa. Tradução da autora. No original: "I was already queer, but gained an understanding of non binary / gender fluidity, and feel I could identify as such if I chose to. Prior to Earping, I did not know/understand the terms, and did not know how they could apply to me."

¹⁹ Pode ser traduzido como Família Escolhida. É uma expressão que diz respeito ao sentimento de encontrar conforto e identificação em relações fora dos laços consanguíneos.

²⁰ Resposta ao questionário da pesquisa. Tradução da autora. No original: "Earpers have taught me to celebrate my queer identity and have shown me the importance and power of authenticity and acceptance. I don't think I would be so comfortable or confident in my identities if it weren't for their kindness and support, and I certainly wouldn't have been able to take the step to start testosterone if it weren't for them; they give me strength and a found family that I sorely needed."



Uma ideia que aparece em grande parte das respostas é a de acolhimento. Um acolhimento que permitia que esses fãs se sentissem bem com suas vivências e seus corpos. Pois, como afirmam Soares e Miranda (2009), “Não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente” (Soares; Miranda, 2009. p. 414).

Essas pessoas não estão meramente sendo levadas a uma nova ideia de si ao se depararem com novas formas de existir. Elas estão percebendo em si novas verdades após terem confrontado essas verdades em seus pares. Esse eterno diálogo entre o íntimo, o conhecido e o outro que constitui subjetividades singulares também confere o senso de pertencimento. É no encontro com o outro que nos constituímos.

“Finalmente pude sentir o que é ser "normal". Pela primeira vez em minha vida, eu me encaixava... Eu estava no início dos meus 60 anos.”²¹

É provável que ao longo dos 60 anos de vida dessa participante ela tenha conhecido outras pessoas LGBTQIAPN+. Mas podemos aqui supor que esse senso de pertencimento e a ideia de normalidade, trazida por sua resposta, tenha mais a ver com a postura do *fandom* e mesmo do produto cultural do que com a simples existência de indivíduos não heterossexuais.

Não podemos esquecer que grande parte desses 60 anos foram vividos numa realidade inundada pelo tropo “*Bury Your Gays*”. A existência de personagens LGBTQIAPN+ era descartável e isso se refletia na maneira como as pessoas se relacionavam com sua sexualidade ou gênero. Existir nas frestas do modo dominante de representação era o *modus operandi* dos indivíduos *queer* e é recente a ideia que a presença de pessoas LGBTQIAPN+ não é um favor que a cis-heteronormatividade nos faz. Essa forma de se ver permeia também as formas de existir de indivíduos e mesmo de *fandoms*.

²¹ Resposta ao questionário da pesquisa. Tradução da autora. No original: I finally got to feel what "normal" felt like. For once in my life, I fit in... I was in my early 60's.



Pela própria natureza dos *fandoms*, da série aqui discutida e mesmo das descobertas pessoais acerca de gênero e sexualidade, discorreremos até agora sobre indivíduos jovens, suas primeiras descobertas ou novas realizações sobre si. Entretanto, as trocas num *fandom* podem simplesmente oferecer um senso de pertencimento (referido pela participante como “normalidade”) a seus participantes. Na declaração acima, a maturidade da participante e suas palavras evidenciam sua longa busca por um senso de pertencimento. Isso faz pensar sobre a importância desses espaços.

Se como afirma Mansano (2009) os modos de subjetivação podem tomar as mais diferentes configurações e cooperam para produzir formas de vida e formas de organização social distintas, podemos pensar que os *earpers* compõem espaços que propiciam modos de subjetivação para esses indivíduos que ouvimos. Não podemos dizer que todas as vivências dentro de *fandoms* podem ser consideradas modos de subjetivar-se. A construção da subjetividade não tem uma cartografia e os sujeitos não se constituem de uma coleção de *souvenirs*. Mas sem dúvidas, os *earpers* causaram fraturas em sistemas de dominância e colaboraram para a escrita de si de muitos dos participantes dessa fanbase.

“Eu havia percebido que não era heterossexual quase um ano antes de assistir ao programa. Eu me odiava por isso e não conseguia falar com ninguém. O programa e os Earpers me deixaram confortável com minha sexualidade e me ajudaram a lidar com minhas inseguranças. Os Earpers são pessoas realmente ótimas e, embora eu nunca os tenha conhecido pessoalmente e provavelmente nunca os conhecerei, estou muito feliz por fazer parte deles.”²²

Esse tipo de resposta ao questionário onde vemos o sujeito que foi influenciado e influenciou a realidade ressalta a significância dessas interações. Participar e influenciar dentro de um *fandom* constituído no ciberespaço pode

²² Resposta ao questionário anônimo no qual a pesquisa se baseia. Tradução da autora. No original: "O had realised that I wasn't straight almost a year before I watched the show. I hated myself for it and couldn't talk to anyone. The show and Earpers made me comfortable with my sexuality and helped me with my insecurities. Earpers are genuinely great people and although I've never met them irl and most probably never will, im so glad to be a part."



estar associado às ações mais simples como *likes* e compartilhamentos ou a atitudes políticas e econômicas como arrecadar fundos e publicidade em favor do objeto cultural que lhe move ou se organizar por uma representatividade real na indústria do entretenimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a intersecção entre *fandom* e subjetivação é um exercício que nos permite olhar para um novo ângulo da constituição da nossa sociedade. É olhar para essa manifestação não só como um fenômeno da economia da cultura ou dos estudos culturais de forma ampla. É olhar para essas manifestações como algo cada vez mais importante na construção dos indivíduos. É olhar para essas vivências como um dos filtros que moldam como vemos e vivemos nossa realidade.

Observar a relação que os *earpers* construíram nos permitiu entender como o *fandom* colaborou para que esses jovens entendessem mais sobre si, seus sentimentos, vivências e como eles se relacionam com a sociedade. As trocas, o espelhamento, a ressignificação de um produto cultural permitiu que essas pessoas pudessem se escrever entre *fanarts* e comentários. Palavras como "acolhimento" e "identificação" foram recorrentes nos relatos bem como a ideia de descoberta e aceitação.

A mediação de um produto cultural e a magnitude que ele alcança também tem um papel importante nessas trocas. Não se trata só de encontrar pessoas cuja sexualidade e/ou gênero dialoguem com o seu, mas de ter essas vivências validadas e representadas em obras que dialogam com seus valores e anseios. É a dualidade do poder e suas rupturas necessárias. A ideia de *fandom*, existe dentro de uma lógica capitalista e apesar dos *earpers* cobrarem diversidade e representatividade, eles esperam isso do poder que os coloca à margem e o fazem através de ferramentas (re)conhecidas e validadas por esse poder.



Pensar o *fandom* como um fenômeno contemporâneo, completamente atrelado à forma de capitalismo em que vivemos (Costa, 2020) e perceber esses fãs LGBTQIAPN+ não só como sujeitos que se constituem nesse regime de poder, mas também que trazem um histórico de traumas simbólicos e anseios de representatividade e pertencimento, nos permite entender melhor a dimensão que as trocas dentro de um *fandom* assumem para essas pessoas. Fãs que tem com seus personagens e produtos culturais uma relação íntima que suplanta a parassocialidade (Paxson, 2022) e que encontram no grupo mecanismos para existir e resistir.

Pretendíamos examinar como a interação entre os fãs, a produção de conteúdo e as práticas de apropriação forjam a subjetividade dos participantes LGBTQIAPN+ do *fandom*. Encontramos indivíduos que se escrevem ao produzir conteúdos de fã, observamos que foram as relações extra sociais com a série mediada pelas trocas sociais com outros indivíduos que trouxeram à alguns participantes uma nova dimensão deles próprios e pudemos observar como a forma desses participantes olharem para si e para o mundo foi marcada por esse encontro com um grupo que o acolheu.

Os fãs sabem que têm algum poder na cadeia produtiva, entendemos que as pautas da diversidade vendem e é nessa rachadura que se constroem formas distintas de ser. O mercado ainda mata seus gays, mas entendemos que chamar atenção para o problema e investir em obras que nos tratam com respeito pode ter algum impacto. Os sujeitos *queer* dentro de um *fandom* e a forma como eles se constituem está atravessada por esses conflitos e pelos meios onde esses conflitos acontecem.

Esses conflitos e negociações ganham ares utópicos quando os esforços dos fãs em favor de sua série parecem surtir efeitos. A pequena série, “Wynonna Earp”, cancelada tantas vezes e reerguida por seus fãs, ganhou um desfecho apropriado três anos depois de seu cancelamento definitivo. Não é difícil encontrar nas redes sociais, fãs afirmando que o *streaming* que financiou o projeto seria mais afinado com as causas LGBTQIAPN+ por essa atitude. Não é difícil ver postagens que falam de um sentimento de justiça ou



acolhimento. As linhas entre subjetivação e sujeição parecem se anuviar quando a ideia de si dos *earpers* está tão imbricada com o produto cultural e também com a comunidade que o circunda.

Ao observar as pesquisas desenvolvidas academicamente, percebemos que a questão da subjetividade do fã é um tema de interesse. Mas, em geral, essa construção é analisada na relação com a obra e não necessariamente com o *fandom*. Entendemos o desafio de aprofundar no estudo de relações sociais tão volúveis e específicas como as relações dentro de um *fandom*. Apesar disso, ou talvez até por isso, entendemos que o *fandom* como um modo de subjetivação é um assunto que merece ainda mais estudos e observações.

Por fim, podemos dizer que um *fandom* é parte importante dos modos de subjetivação de indivíduos LGBTQIAPN+, pois permite que estes confrontem os modos de existir e descubram um desenho de si junto e concomitantemente aos outros indivíduos desse grupo enquanto são, ao mesmo tempo, influenciados e influenciadores dessa realidade.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero**: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Caderno de Leituras, Belo Horizonte, v. 78, n. -, p. 01-16, jun. 2018. Mensal. Disponível em: <https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf>. Acesso em: 25 jul. 24.

COSTA, Aianne Amado Nunes. **PLEASE COME TO BRAZIL**: uma análise crítica dos fãs brasileiros como apreciadores de objetos culturais internacionais. 2020. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação, Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristovão, 2020.

DESHLER, Kira. **Not Another Dead Lesbian**: the bury your gays trope, queer grief, and the 100. 2017. 89 f. Monografia (Especialização) - Curso de Gender Studies, Whitman College, Washinton (Eua), 2017. Disponível em: <https://arminda.whitman.edu/_flysystem/fedora/2021-10/Not_another_dead_lesbian_the_Bury_Your_Gays_trope_queer_grief_and_The_100.pdf>. Acesso em: 28 maio 2024.



FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In **M. Foucault. Ditos & escritos**: repensar a política. (Vol. 6, pp. 289-347). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HULAN, Haley. Bury Your Gays: history, usage, and context. **McNair Scholars Journal**, Allendale (Eua), v. 21, n. 1, p. 17-27, 2017. Disponível em: <<https://scholarworks.gvsu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1579&context=mcnair>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

JENKINS, H. **Textual Poachers**: Television Fans & Participatory Culture. New York: Routledge, 1992.

MANSANO, S. R. V. **Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade**. Revista de Psicologia da UNESP, v. 8, n. 2, 2009. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/946>>. Acesso em: 3 julho. 2023.

PAXSON, Sb. "We Deserve Better": sapphic grief with media loss. 2022. 400 f. Tese (Doutorado) - Curso de Philosophy, University Of Florida, Florida, Eua, 2022. Disponível em: <<https://www.proquest.com/openview/162b48ad7fa2da0f3c9e5c1d8bfdab75/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>>. Acesso em: 20 abr. 2024.

SILVA, Márcia Veiga da; MARCONI, Dieison; TOMAZETTI, Tainan. Notas Sobre Espectatorialidade Queer. **Contemporanea**: comunicação e cultura, Salvador, v. 16, n. 1, p. 183-206, jan. 2018.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Lobo. **Produzir subjetividades**: o que significa? Estud. pesqui. psicol. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, set. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2023.

YANDERS, Jacinta. Earpers, Interactions, and Emotions: Wynonna Earp, 'the Best Fandom Ever.' In "**Social TV Fandom and the Media Industries**," edited by Myles McNutt, special issue, Transformative Works and Cultures, no. 26. 2018. Disponível em: <<https://journal.transformativeworks.org/index.php/twc/article/view/1129/1624>>. Acesso em: 11 maio. 2023